

Resenha

TAVARES, Gonçalo. *Jerusalém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 232p.

Resenhado por: Andrea do Roccio Souto

Jerusalém: uma alegoria da dor humana

Jerusalém é uma cidade histórica, sagrada, indescritível; é zona de contato entre passado, presente e futuro, entre judeus, cristãos e muçulmanos. E é também um romance tão intrigante quanto a cidade que é Patrimônio Cultural da Humanidade. *Jerusalém* é o título que o angolano Gonçalo M. Tavares deu a seu romance lançado em 2005 e duplamente premiado¹.

É pela Cidade Antiga de Jerusalém que passa a Via Dolorosa, caminho percorrido por Jesus, antes da crucificação, segundo a Tradição Cristã. E a cidade santa guarda tantas referências quanto o romance de Gonçalo Tavares. A via dolorosa que ele projeta é percorrida por Mylia, mas o mártir é seu filho, Kaas. A cidade sagrada, que empresta seu nome ao romance, figura na narrativa, literalmente: “Se eu me esquecer de ti, Jerusalém, que seque a minha mão direita” (TAVARES, 2005, p. 170), e reconfigurada, quando substituída pelo nome do hospício em que Mylia é internada: “Se eu me esquecer de ti, Georg Rosenberg, que seque a minha mão direita” (TAVARES, 2005, p. 200).

A trama de *Jerusalém* envolve personagens que são notadamente doentes (ou doídos), como Mylia e Ernst; outros que vivem no limite, como Hinerk e Kaas; e alguns oficialmente normais, como os médicos Theodor e Gomperz. Essa classificação superficial, no entanto, só faz atestar a máxima caetaneana de que “de perto ninguém é normal”, porque, em profundidade, vão se intercalando flashes e circunstâncias em que as personagens se mostram tão humanizadas e frágeis, a ponto de se igualarem no quesito sofrimento – “Estar doente era uma forma de exercitar a resistência à dor ou a apetência para se aproximar de um deus qualquer” (TAVARES, 2005, p. 7).

Em outras palavras, seja doído, seja normal, a dor a que o ser humano está exposto é a mesma, no que se refere às relações sociais. E aí está um nível de leitura em que faz todo sentido o título dado ao romance: Jerusalém tem sido, há quase dois mil anos, a capital da dor. E é justamente aí que a alegoria se revela brilhantemente: tanto a cidade santa como o hospício são locais próprios para se curarem as almas...

Por outro lado, na medida em que cruzamos os nomes dos personagens – de origem explicitamente alemã – com a etnia que a cidade que serve de título ao romance evoca – os judeus –, não é por acaso que a idéia do holocausto toma corpo, sobretudo na grande pesquisa que consome os dias de Theodor Busbeck: a tese que estuda gráfica e numericamente a distribuição do horror ao longo dos séculos, de modo a perseguir uma fórmula matemática que possa prever – e, talvez, prevenir – a próxima edição tétrica a que sucumbirá a humanidade. E também não é gratuitamente que o espaço por definição a articular ações e personagens é o hospital psiquiátrico, lugar por excelência indicador da segregação. Espaço, aliás, ao qual só se equipara a igreja (ou o lado de fora da igreja), no desenrolar da narrativa de Tavares, em termos de importância para as ações e reações das personagens adoentadas (oficialmente ou não).

Algo ainda mais interessante na narrativa desse jovem autor angolano é o fato de que Mylia define a existência de duas dores: a má e a boa – a que engole o desejo de viver e aquela que o alimenta. E só por isso a leitura de Jerusalém já vale a pena. Não há quem não sinta ambas as dores, e é impossível negar que ambas convivam, embora não passivamente, dentro de nós. Além disso, não há como negar os mistérios que ambas as dores abrigam em nós, já de tanto tempo, como ocorre com a cidade de Jerusalém. Assim, personagens e cidade, livro e leitores aderem-se na aventura literária. *Jerusalém* é um convite de Tavares ao desassossego, ao deleite e à reflexão. Um convite, aliás, irrecusável.

Doutora em Literatura Comparada pela UFRGS, docente da UNOESC, Campus de Xanxerê/SC.

¹ Vencedor do Prêmio LER/Millennium BCP, em 2004, e do Prêmio Literário José Saramago, em 2005.